

JOVENS TRANS: REFLEXÕES SOBRE NARRATIVAS DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

*Eixo Temático 19 - Gênero e Sexualidade na Escola: Novas Ameaças,
Enfrentamentos e Possibilidades de Resistências.*

Viviane Hasfeld Machado¹
Joanalira Corpes Magalhães²
Paula Regina Costa Ribeiro³

Resumo

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise das narrativas de duas profissionais da educação – professora e diretora - acerca das questões de gênero e sexualidade, relacionando com os/as jovens trans que estão ou estiveram no ambiente escolar. Buscamos o suporte teórico-metodológico para o desenvolvimento deste artigo nos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero. A metodologia utilizada para produção dos dados foi investigação narrativa. As entrevistas possibilitaram a emergência de dois textos narrativos. As problematizações realizadas produzem sentidos e possibilitam a construção de novos debates, proporcionando discussões mais plurais sobre as questões de gêneros e sexualidades, bem como constroem possibilidades de acolhimento e integração para esses/as jovens trans.

Palavras-chave: Gêneros, profissionais da educação, estudantes trans.

Introdução

Para aproximar o/a leitor/a do meu problema de pesquisa, assim como menciona Sandra Corazza (1996), é preciso falar um pouco dos caminhos percorridos até chegarmos aqui na construção deste estudo⁴, o processo de investigação é sempre um momento inquietante, visto que todos/as sabemos que de alguma forma o que desejamos investigar é algo que em algum dado momento mexeu com os nossos sentimentos, faz parte de nosso

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal de Rio Grande – FURG. E-mail: viviane.hasfeld@gmail.com.

² Professora Associada do Instituto de Educação e do PPG Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande/RS, Brasil. E-mail:joanaliramagalhaes@gmail.com.

³ Professora Titular do Instituto de Educação e do PPG Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande- FURG, Rio Grande/RS, Brasil. E-mail:pribeiro.furg@gmail.com

⁴ Recorte feito para este artigo a partir de entrevistas realizadas para a minha tese de doutorado, que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, na linha de pesquisa “Discursos, culturas e subjetividades na Educação em Ciências”.

contexto ou faz parte das nossas vivências. A respeito das minhas vivências hoje minha atuação profissional é como Orientadora Educacional, o que proporcionou a possibilidade da investigação, visto que estou atuando nesta escola estadual, ela se localiza no Município de Jaguarão/RS, local onde acontece a pesquisa com as profissionais da educação.

Assim, esse estudo tem como objetivo realizar uma análise das narrativas de duas profissionais da educação – professora e diretora – acerca das questões de gênero e sexualidade, relacionando com os/as jovens trans que estão ou estiveram no ambiente escolar. Para tanto, utilizamos a perspectiva teórica-metodológica dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero⁵, para o desenvolvimento da pesquisa, atentando particularmente para as questões relacionadas à escola, aos gêneros e as sexualidades nos processos de subjetivação desses/as sujeitos/as.

Metodologia

Para produção dos dados utilizamos a investigação narrativa, por entendermos que essa metodologia poderá dar suporte as histórias narradas das profissionais da educação entrevistadas nesse estudo. Os/as sujeitos/as da educação, assim como os/as sujeitos/as que estão inseridos/as nesses ambientes educacionais, são contadores/as de histórias, participantes de redes comunicativas onde se interpretam, se produzem e se compartilham histórias diariamente. Esses/as sujeitos/as encontram-se imersos/as em estruturas narrativas pré-existentes e constroem suas experiências pela negociação com significados dessas redes (CONNELLY; CLANDININ, 2011).

Assim, trabalhar na pesquisa utilizando a investigação que tem a perspectiva das narrativas é compreender os modos de constituição dos/as indivíduos, assim como os processos de subjetivação que voltam os/as sujeitos/as para si mesmos e as experiências construídas desde a sua inserção em redes discursivas e relações de poder.

O movimento do texto consiste em analisar as entrevistas narrativas foram realizadas com profissionais da educação. Entendemos que,

as entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as

⁵ Saliento à/ao leitor/a que, ao longo do texto, em alguns momentos, as palavras gênero e sexualidade estarão escritas no singular e outras no plural. Quando as empregarmos no singular, é porque estão sendo tomadas enquanto conceito/ferramenta teórico. Já no momento em que foram grafadas no plural, estou me referindo às expressões/vivências de gêneros e sexualidades, que podem ser múltiplas.

entrecruzadas no contexto situacional. Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social (MUYLAERT; SARUBBI Jr.; GALLO; REIS, 2014, p. 193).

Para este trabalho trouxemos duas entrevistas narrativas que foram realizadas com duas profissionais da educação: a Diretora da escola e uma professora da disciplina de Sociologia.

Referencial Teórico

A escola historicamente constituiu-se como um espaço disciplinador e normalizador, um espaço responsável por (re)produzir nos/as sujeitos/as valores, crenças e normas e que também é responsável por (re)produzir à imagem do/a outro/a que era “centrados no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente ‘normal’” (JUNQUEIRA, 2009, p. 14). Se o ambiente escolar sempre foi considerado um lugar por vezes disciplinador, realizar uma investigação a partir desse espaço se faz necessário na tentativa de levar outras possibilidades de debates do qual em nosso entendimento a escola não poderia se eximir.

Desejamos, assim como Megg Rayara Gomes de Oliveira argumenta: “uma sociedade plural, com equidade de gênero e raça, onde possamos expressar nossas existências de forma plena. Quero um sistema educacional democratizado onde os múltiplos sujeitos que se movem por outros espaços possam acessá-lo” (2017, p. 11). Queremos evitar a generalização a respeito dos/as sujeitos/as pensando de modo plural por entendermos que devemos buscar sempre por uma sociedade em que os direitos sejam respeitados e que os indivíduos possam vivenciar suas expressões de gêneros e sexualidades.

Buscamos no texto possibilidades de problematizar e levar para a escola essas discussões relacionadas as questões de gêneros, sexualidades e aos/as jovens trans que podem ser configurados/as como os/as sujeitos/as que socialmente podem ser considerados/as como aqueles/as que não “importam, que fogem da norma” cisteronormativa, mas que estão presentes no espaço escolar. Nesse contexto que também se configura as diferenças mesmo que muitas vezes “a escola se nega a perceber e a reconhecer as diferenças dos alunos/as, mostrando-se ‘indiferente ao diferente’, encontra, no caso de estudantes homossexuais, bissexuais ou transgêneros, sua expressão mais incontestável” (JUNQUEIRA, 2009, p. 30).

Nesse sentido, faz-se necessário problematizar essas questões com os/as profissionais de educação pois, esses/as jovens trans a algum tempo chegaram à escola como estudantes, e em geral em algum momento podem ter ou estar causando estranhamento, incômodo e curiosidade. Sendo assim a escola precisa pensar e criar estratégias para lidar com essas situações, visto que esses/as sujeitos/as ainda passam por momentos complicados dentro das instituições.

Por entendermos que o ambiente escolar é um local de garantia de direitos e transformação, não apenas de reprodução das normas, investigar essas relações é promover rupturas e desestabilizar as estruturas.

Resultados e Discussão

Na tentativa de reunir elementos para compor o texto, realizamos um recorte da investigação de doutorado e assim apresentamos dois (2) textos narrativos que emergiram das duas entrevistas que aconteceram na escola. Durante as entrevistas conversamos sobre a atuação delas com relação as questões de gênero e sexualidade e de seus/suas estudantes trans. Alguns momentos das entrevistas foram mais demorados e cheios de sentimentos que outros, alguns momentos já estavam previstos, outros apenas aconteceram. Esses momentos tiveram diferentes linhas mas que acabaram se cruzando e criando possibilidades para a composição do artigo.

O encontro com a professora Aline

Aline é professora de sociologia e atualmente está ministrando as disciplinas de sociologia, de culturas juvenis e de projeto de vida para o Ensino Médio. Nosso encontro aconteceu na escola em que atuamos eu como Orientadora Educacional e ela como Professora de uma forma cheia de ansiedade, deslizamentos, afirmações, emoções, silêncios e pausas, pois precisamos em algum momento respirar fundo para conseguirmos continuar. Ela se mostrou muito contente com meu convite assim como também sobre a proposta do meu estudo. Aline relatou que procura falar sobre as questões de gênero em suas aulas, mas de uma forma superficial, mesmo afirmando que deveria falar mais. Mas acredita que em sua formação não teve uma base que possa dar a ela segurança para ir a fundo nas conversas. Em nossa entrevista muitos sentimentos vieram à tona por conhecermos uma jovem trans que já tinha sido nossa aluna em um período de sua escolarização que acabou se suicidando, com isso Aline relatou que quando foi professora dessa aluna percebia o quanto ela tinha dificuldade de conviver naquele espaço escolar, chegando a pedir para trocar de turma. A professora Aline acredita que as instituições devem oportunizar mais formações relacionadas e essas questões para os/as professores/as das escolas, por entender que a instituição escolar tem um papel muito importante na vida dos sujeitos/as.

O encontro com Aline podemos dizer que aconteceu de maneira proposital no espaço escolar, lugar que passamos alguns dias da nossa semana e é nesse local que venho me constituindo. Esse encontro fez com que eu pensasse em muitos desdobramentos para a pesquisa e com isso também a importância dela, pois me lançou em direção a pensar um como fazer, se é que devemos ter esses pensamentos. Colocou em funcionamento pensamentos regulatórios e normativas que em muitos momentos são quase invisibilizados, mas que geram um efeito na produção da explicação e da fala quando Aline afirma o não falar sobre o assunto, ou falar de maneira superficial. Para Aline a escola deveria abordar mais essas temáticas, pois entende que a instituição escolar tem um papel muito importante na vida dos sujeitos. Mas, ao mesmo tempo, joga com movimentos de fuga, quanto relata que esse assunto não compete a ela (enquanto professora) falar certamente tem causado um aprisionamento dessas questões no espaço escolar.

Na ótica da Sandra dos Santos Andrade (2012, p. 176) “as histórias narradas por meios das entrevistas não são dados prontos ou acabados, mas documentos produzidos na cultura por meio da linguagem”, o que intenciona o/a entrevistado/a contar sua história e suas experiências. Esses textos narrativos são linhas constitutivas que foram se compondo através de um discurso arriscado e sutil que constituiu, no entanto, algumas verdades produzidas sobre os debates ou não debates nos espaços escolares sobre os gêneros e sexualidades relacionadas aos/as jovens trans.

O encontro com Verônica

Verônica é diretora da escola onde a pesquisa acontece, contou que sua formação é em Licenciatura em Pedagogia e Mestre em Educação, em nosso encontro percebi provocações, escapes e afirmações. A diretora relata acreditar que possa construir dentro do PPP da escola algum tema para que essas questões seja, abordadas nas salas de aula, já que a escola hoje tem alunos/as trans. Contou-me que até o momento da entrevista não tinha acontecido nenhuma formação ou até mesmo conversas com seu quadro de profissionais da educação que abordassem essas questões, pois acredita que foi falta de organização mesmo afirmando ser tão importantes. Verônica destacou que poderia não ser de bom tom, pois as formações que os/as professores/as são convidados/as não acontecem, pois a maioria não tem interesse em participar e isso não tem relação com a temática, mas se proporciona em seu horário de trabalho. Durante nosso diálogo, tivemos alguns risos e alterações de voz demonstrando desconforto à medida que foi questionada por não ter pensado antes nessas questões.

Ao entrevistá-la percebi que assuntos relacionados a essas questões não estão presentes na escola tão pouco em formações de professores/as, talvez como a própria diretora afirmou por falta de organização. Ela também relata a presença de pessoas trans e da importância de pensar em uma nova organização para próximas formações, bem como colocar em pauta as questões de gênero e sexualidade na construção do Projeto Político Pedagógico já que esse é um documento que está em permanente construção e reconstrução. Na entrevista foi possível perceber uma série de dificuldades e inquietudes para responder minhas perguntas, por vezes com a voz alterada, acredito por entender que esse movimento não depende somente dela enquanto diretora e sim da vontade de todo um quadro de docentes, como ela mesma afirma que formações a convite não acontecem. O encontro com Verônica me possibilitou acreditar que novas configurações vão acontecer e que poderão nos dar possibilidades de levar essas discussões para o espaço escolar.

Considerações Finais

Assim, essa investigação das narrativas se fez potente para nosso estudo, pois potencializou nosso entendimento e visão do que acontece no espaço escolar, como diz Jorge Larrosa (2004, p. 12) “o ser humano é um ser que interpreta e, para está auto-interpretção, utiliza fundamentalmente formas narrativas”, o que dá significado para as ferramentas que foram pensadas para a análise.

A escola possibilita modos de narrar-se, formas de contar nossas experiências lá compartilhadas com alunos/as, professores/as, equipe diretiva e funcionários/as que estão presente nesse espaço. E quanto mais eu mergulho nesses textos narrativos me possibilitam um novo pensar, outros modos de debater as questões de gênero e sexualidades e dos/as estudantes trans.

Essas narrativas apontaram informações que foram fundamentais para nossas análises pensando nas entrevistas como uma maneira de ressignificação, recebendo toda informação e partilhas entre a entrevistadora e as entrevistadas sem a intenção de encontrar a verdade ou as verdades, pois entendemos que não existe a ‘verdade’, mas, sim, “regime de verdade, isto é, discursos que funcionam na sociedade como verdadeiros” (FOUCAULT, 2000, p. 23).

Neste percurso, então, coube a nós realizar a compreensão que a investigação narrativa nos possibilitou a partir de diferentes encontros narrativos que se inter cruzaram

e que foram produzidos pelos/as sujeitos/as da pesquisa e que passaram a construir suas histórias dando sentido as nossas problematizações.

Referências

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Organizadoras). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012, p. 173-194.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história de pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: Ed. UFU, 2011.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 01-22.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia nas escolas: um problema de todos**. In: Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, DF: MEC/Unesco, 2009, p. 01-51.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre narrativa e identidad (a modo de presentación)**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004, p. 11-22.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI Jr., Vicente; GALLO, Paulo Rogério; ROLIM NETO, Modesto Leite; REIS, Alberto Olavo Advincula. **Entrevistas Narrativas: um Importante Recurso em Pesquisa Qualitativa**. Rev. Esc. Enferm. USP, 2014. Disponível em: . Acesso em: . 13 de julho de 2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. 190 f. Tese (Doutorado



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

**IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade**

**IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade**

em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do
Paraná, Curitiba, 2017.